

Coluna do Castello

Brasília chega ao poder aos 30 anos

Execrada por muitas pessoas, sobretudo no Rio de Janeiro, mas amada por mais de 70% das pessoas que nela vivem e se declaram satisfeitas com sua residência na terra, Brasília completou ontem seus 30 anos oficiais como cidade e capital do país. Apenas 9% dos seus habitantes a rejeitam e, se pudessem, mudariam de lugar. Como disse Oscar Niemeyer, seu arquiteto, a cidade "está pronta, florida, cheia de vegetação" e quem vive nela se habituou e acredita que ela "é monumental, humana e acolhedora". Eis uma visão bastante distinta da que difundem os que apontam envelhecimento na cidade, evidenciado pelas populações carentes que enchem suas incessantes favelas. Nisso vai apenas acompanhando o modelo da miséria brasileira com suas grandes cidades invadidas por migrantes cuja pobreza impede que se esqueça de que a maior parte do país vive miseravelmente. Nisso Brasília não se distingue, vai ficando igual às outras cidades, ao Rio, a São Paulo, ao Recife, o que a identifica também com o velho Brasil e impede a prevalência do novo que ela tentou representar.

Mas seus 30 anos, na medida do possível, dão ainda aos habitantes uma idéia primaveril da sua cidade, que floresce nos jardins, nos pequenos jardins domésticos de cada um, azulados pelo espelho das suas piscinas. Essa seria uma visão de parte privilegiada, da *nomenklatura* local e da nova classe de empresários ricos que fazem a sua própria festa e constroem em meio a contradições sua cidade ideal. A verdadeira Brasília estaria nas invasões que se multiplicam no entorno da cidade, mais populoso, infinitamente mais pobre, mais feio. Uma média de 100 famílias de nordestinos, goianos e mineiros chega mensalmente à cidade. É uma mensagem do outro Brasil ao Brasil que se pretende moderno. É uma afirmação e um remorso. Mas na verdade tanto a Brasília dos gordos funcionários e dos jovens empresários quanto a candangolândia já não das cidades-satélites, que também prosperam, mas das invasões, são uma cidade real. Triste de quem mora no lado pior.

Brasília desenhou sua própria personalidade ao longo desses 30 anos, que assimilaram o arrivismo e a aventura. Hoje ela participa do governo nacional que se instala na cidade, dando a sua cota de tecnocratas e de homens da iniciativa privada para a administração do país. Fernando Collor, que passou



na jovem capital alguns anos da adolescência e da mocidade, levou ao poder seus compatriotas de geração, políticos, jornalistas, economistas, empresários bem-sucedidos, todos em torno dos 40 anos, um pouco mais ou um pouco menos, mas a assinalar não só a ascensão ao poder de uma geração, como também de uma cidade. Pela primeira vez Brasília faz suas próprias festas de comemoração das suas bodas com o governo prescindindo das caravanas de personalidades que pela cultura, pelo desempenho profissional ou pela riqueza constituem no Rio e em São Paulo o estamento superior das élites brasileiras. Ela se emancipa e participa.

As novas vagas de gente que vão aportando por aqui já não sabem bem o que foi o movimento pioneiro de Juscelino Kubitschek, mas 77,4% ainda sabem quem foi o fundador da cidade. 54,6% identificam Oscar Niemeyer como seu arquiteto, 28,5% ainda se referem a Lúcio Costa como seu urbanista e 22% ainda se lembram de Israel Pinheiro, seu engenheiro. A memória da cidade vai se diluindo embora ainda persista na atual geração. O fato de não haver ruas com nomes de gente favorece o esquecimento, mas no Rio, por exemplo, só um número reduzido de pessoas sabe quem foi Mem de Sá ou Salvador de Sá, a que data se refere a Rua 1º de Março e só nas escolas se repete o nome dos presidentes que moraram nos seus palácios ou dos seus prefeitos e governadores.

O crescimento urbano também perturba os próprios habitantes de uma cidade. Lembro-me de que Israel Pinheiro, que fez Brasília desde a primeira pedra, aqui se perdeu na festa da comemoração do seu décimo aniversário e não soube chegar sozinho à chancelaria da embaixada americana, inaugurada junto com a cidade. Juscelino, antes de morrer, tentou fixar-se por perto, instalando-se numa pequena e bela fazenda, com casa feita por Niemeyer, nos seus arredores e era visto freqüentemente a andar pela área de escritórios e comércios situados na Asa Sul. A lembrança dele, como se viu pelas pesquisas, ainda não se diluiu mas com mais um avanço no tempo ele poderá ser um pouco mais do que o prefeito Pereira Passos no Rio. Ontem ouvi da mulher de um diplomata que a cidade minguou nesta mudança de governo. Suas referências provavelmente são outras e aludem a um mundo que já não é indispensável em Brasília. A *ilha da fantasia* é hoje uma poderosa e autônoma sede do poder nacional, uma elevada concentração de executivos e políticos cercados pelo símbolo do poder moderno, que são os embaixadores de mais de 100 nações. Brasília não envelheceu ainda, mas certamente amadureceu.

Carlos Castello Branco